

Villa Platina: urbanização e moda no sertão da Belle Époque

Villa Platina: urbanization and fashion in the sertão da Belle Époque

Villa Platina: urbanización y moda en sertão de la Belle Époque

Maristela Novaes
Universidade Federal de Goiás
telanovaes@gmail.com

Resumo

Villa Platina, assim foi chamada de 1901 a 1915. Antes de 1901, era denominada Arraial de São José do Tijuco e, depois de 1915, passa à condição de cidade com o nome de Ituiutaba, Minas Gerais. O período em que se denominou Villa Platina coincide com o ápice da Belle Époque. A pesquisa se baseia nos pressupostos teóricos metodológicos estabelecidos por Fernand Braudel, em que se considera o contexto sociopolítico e econômico para o estudo da moda. O objetivo deste artigo é analisar um aspecto da sociedade platinense: o início do processo de urbanização de Ituiutaba e sua relação com a moda criada nos grandes centros europeus. A pesquisa se fundamenta em documentos oficiais da administração pública municipal e estadual, em jornais, em revistas de moda e na pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: urbanização, moda, sertão, Minas Gerais, Belle Époque.

Abstract

Villa Platina was named that way from 1901 to 1915. Before 1901 it was named Arraial de São José do Tijuco and after 1915 it became a city with the name of Ituiutaba, Minas Gerais. The period in which it was denominated Villa Platina matches with the apex period called Belle Époque. The research is based on theoretical methodological assumptions established by Fernand Braudel, in which the socio-political and economic context for the study of fashion is considered. The aim of this article is to analyse an aspect of Platinense society: the beginning of the urbanization process of Ituiutaba and its relation with this fashion created in great European centers. The research is based on official documents of the municipal and state public administration, on newspapers, on fashion magazines and on bibliographical research.

Keywords: urbanization, fashion, sertão, Minas Gerais, Belle Époque.

Resumen

Villa Platina, así fue llamada de 1901 a 1915. Antes de 1901, era llamada Arraial de São José do Tijuco, después de 1915, pasó a la condición de ciudad con el nombre de Ituiutaba, Minas Gerais. El periodo en que se denominó Villa Platina coincide con el ápice de Belle Époque. La investigación se basa en los presupuestos teóricos metodológicos establecidos por Fernand Braudel, en el que se considera el contexto sociopolítico y económico para el estudio de la moda. El objetivo de este artículo es analizar, un aspecto de la sociedad platinense: el inicio del proceso de urbanización de Ituiutaba y su relación con esa moda criada en los grandes centros europeos. La investigación se fundamenta en documentos oficiales de la administración pública municipal y estatal, en periódicos, en revistas de moda y en la investigación bibliográfica.

Palabras-clave: urbanización, moda, sertão, Minas Gerais, Belle Époque.

Introdução

A motivação deste artigo é analisar as relações entre a moda *Belle Époque* (1890-1914)¹ e o processo de urbanização de Ituiutaba, Triângulo Mineiro, Minas Gerais. A *Belle Époque* (FOGG, 2014, p. 196) passou à história como um período de grande fervor, uma época resplandecente, que coincide com o momento culminante do movimento artístico, de origem europeia, denominado *Art Nouveau* (1880-1914) na França. A “Arte Nova”, como era chamado em português, cujo ápice corresponde à primeira década do século XX, foi um movimento “baseado numa nova sensibilidade para o desenho e para as capacidades inerentes a cada material” (GOMBRICH, 2012, p. 535), que explorava a assimetria e a diversidade de matérias, as formas livres, curvas, sinuosas e rítmicas. Esses elementos foram aplicados à arquitetura na década de 1890. Da arquitetura, esse estilo artístico migrou para a gravura, a pintura, a tecelagem, o *design*, etc.

As aparências e, em especial, o vestuário burguês europeu assimilou os conceitos da *Art Nouveau*. Surgiram novas tecnologias na construção da roupa que alcança um grau de elaboração e primor jamais vistos até então. Essa elaboração define a moda feminina *Belle Époque* pela silhueta em “S”, “proposta pela moda parisiense, sobretudo pela *maison* Worth” (PAFFUMI, 2005, p. 214). Essa silhueta definida pela roupa, pelo *corset* e pela postura física do sujeito, se completava com decoradíssimos chapéus, muito amplos nas bordas e providos de plumas e fitas. Nesse período, “Paris reinava de modo absoluto no setor da moda, do tecido, dos acessórios femininos, ditando

¹ O período denominado de *Belle Époque* não é unânime entre os autores consultados, muitos dos quais nem mesmo o precisam em suas obras. Adotamos o período claramente definido por Marie Fogg (2014, p. 196): de 1890 a 1914.

as regras, os usos e os comportamentos de uma sociedade que confiava na sua solidez” (PAFFUMI, 2005, p. 212).

Esse sentimento de confiança, que perdurou até o advento da primeira guerra mundial em 1914, foi resultado de um longo período de paz, crescimento econômico e desenvolvimento científico, que proporcionaram inúmeras invenções e a rápida industrialização de alguns países europeus e dos Estados Unidos, cujos resultados floresceram na passagem do séc. XIX para o séc. XX (FOGG, 2014, p. 196). O desenvolvimento de novos meios de transporte, como a navegação a vapor, as redes *trams*, as ferrovias, os correios, o telégrafo, etc., favoreceram a circulação de pessoas e de produtos de forma inédita (COSTA, 2012, p. 30-31). A expansão da imprensa acelerou a comunicação. A imprensa feminina, inclusive aquela com orientação às técnicas de manufatura de roupas (ROCHE, 1998), a implementação do sistema métrico (MILANEZ, 1942) se consolidam e as criações das modas parisienses se difundem em todo o mundo ocidental, chegando aos confins de Minas Gerais (Lombaerts, 15 novembro de 1900, correspondência n° 66127).

A melhoria das condições de vida na Europa, promove um aumento populacional de 166% ao longo do século XIX. O total da população, cerca de 560 milhões de habitantes, representaria um terço da população mundial no início do século XX (ZANICHELLI, 2013). Seca e fome nos campos europeus promove emigrações internas e externas. Até o ano de 1915, cerca de 21.500.000 imigrantes europeus, deixam seus países de origem. Desse quantitativo, os italianos são os mais numerosos, com aproximadamente 4.774.000 imigrantes. Parte deles se dirige à América latina (VALLARDI, 2012).

O Brasil, em pleno desenvolvimento econômico, se beneficiaria desse processo subsidiando um programa de imigração com o objetivo de colonizar o país, resolver o problema de mão de obra causado pelo processo de abolição da escravidão, que foi consumado em 1888. Beneficiada pela autonomia concedida às províncias, Minas Gerais adota o programa na década de 1880 e na passagem do século a presença de imigrantes, sobretudo de italianos, é significativa em algumas cidades do Triângulo Mineiro, como por exemplo, Uberaba (SILVA, 1998), Ituiutaba (PETRAGLIA, 1953), Uberlândia e Prata (MIGUEL, 2012). A Proclamação da República em 1889, “não significou a ruptura no processo histórico brasileiro” (MONTEIRO, 1973, p. 35) e no que se refere ao programa de imigração, o governo republicano adotaria medidas que o incrementaria. De Arraial de São José do Tijucó à condição de cidade de Ituiutaba, a expansão da economia agropastoril absorvia imigrantes, internos e externos ao país (CHAVES, 1984; TEIXEIRA, 1953). Os imigrantes internos, eram oriundos de várias partes do país, mas sobretudo do centro sul de Minas. Segundo Teixeira (1953, p. 182), Ituiutaba, foi uma “cidade tipo rural até 1930”. Em 1904, embora muitos imigrantes se concentrassem na zona rural, muitos passaram a habitar a vila integrando assim o início do processo de urbanização da cidade (ITUIUTABA, 1904).

A rede ferroviária em expansão no Brasil, em 1889 chega a Uberaba, “Boca do Sertão”, então centro comercial do Triângulo Mineiro. Dessa forma, além de favorecer a urbanização, a estrada de ferro acelera o transporte de pessoas, de coisas e de informações que propiciam a difusão de modas francesas no sertão de Minas.

Enquanto Arraial de São José do Tijuco, a vida dos tijucanos transcorria em unidades de produção rural autossuficientes. Essa vida isolada impunha lentidão às mudanças. A economia agropastoril em expansão no município ao longo do seu povoamento, promovia as condições econômicas para a consolidação da autonomia político-administrativa local.

Com a chegada do padre Ângelo Tardio Bruno na Matriz de S. J. do Tijuco a oligarquia rural se organizou em torno da Igreja e constatamos um desdobrar de ações coletivas objetivando as melhorias do arraial, que se emancipou na virada do século. A organização do espaço urbano foi idealizada e coordenada pelo padre com apoio da oligarquia rural. A chegada da colônia italiana para o trabalho na edificação inseriu o imigrante na cultura local.

Igreja, administração pública e iniciativa privada, promovem medidas que fomentam gradativamente a vida social que se desloca dos espaços rurais para o urbano. Na pesquisa histórica e documental de Vila Platina, é claro o início do processo de urbanização no período que corresponde à virada do séc. XIX para o séc. XX, sobretudo na primeira quinzena de 1900. Os benefícios urbanos desse período proporcionariam mais conforto aos cidadãos que incorporariam mais sofisticação às aparências. Esse conjunto favoreceu o comércio de tecidos, de fitas, de rendas, de acessórios, de informações de moda, de máquinas de costura (FILHO, 1913), assim como de técnicas de manufatura de roupas na vila.

A expansão do comércio pode ser constatada no levantamento do número de “negociantes” que passa de 7 em 1873 (OLIVEIRA, 1873, p. 524) para 19 em 1904 (ITUIUTABA, 1904), e em 1915 a vila conta com 9 empórios vendendo acima de 60 contos de Réis (LAEMMERTS, 1915, p. 3289-3170-3290). Essa expansão do comércio local paralela àquela regional estabeleceu conexões com os centros urbanos do país onde as mudanças fluíam mais rápido em função do grande tráfico de pessoas, de produtos e de conhecimentos. A educação nas escolas privadas, laicas e católicas da região, e, posteriormente, a educação pública republicana, ampliaria a alfabetização que favoreceria a leitura de revistas e jornais a absorção das modas e a aquisição de novas técnicas de construção de roupas.

Fundamentação teórica e metodológica: a moda

O termo moda é complexo e nos permite longas reflexões. Esse termo para alguns assume um sentido amplo que abrange diversos setores da vida social, enquanto para outros implica em mudanças periódicas, regulares, de caráter compulsório e

“reservado às mudanças nos estilos de vestimenta e nos demais detalhes da ornamentação pessoal” (SOUZA, 1987, p. 19). Segundo Svednsen (2010, p. 20) “as roupas são uma parte vital da construção social do eu” e “todos nós temos de expressar de alguma maneira quem somos através de nossa aparência visual” (*Ibidem*, p. 21). Nas sociedades, cujos estilos de vestimentas se caracterizam por mudanças contínuas, essa construção passa a estabelecer uma conexão entre moda e identidade. Para Lipovetsky (1989, p. 24),

É antes de tudo à luz das metamorfoses dos estilos e dos ritmos precipitados da mudança no vestir que se impõe essa concepção histórica da moda. A esfera do parecer é aquela em que a moda se exerceu com mais rumor e radicalidade, aquela que, durante séculos, representou a manifestação mais pura da organização do efêmero.

No ocidente, o interesse pelo modo de vestir e o ritmo de mudanças a ele impostas, começa a acelerar-se quando as cidades se expandem e a vida das cortes se organiza. Isso se dá a partir do Renascimento na Europa. “A aproximação em que vivem as pessoas na área urbana desenvolve, efetivamente, a excitabilidade nervosa, estimulando o desejo de competir e o hábito de imitar” (SOUZA, 1987, p. 19) ou de diferenciar-se (SIMMEL, 2015, p. 37).

Ao longo do séc. XIX a moda sai dos salões da aristocracia e alcança um número maior de adeptos na alta, média e pequena burguesia de países como a França e Inglaterra. A burguesia procura afirmar-se a partir da moda. Nesse contexto os criadores de modas exercem um poder absoluto em ditar as regras estéticas do vestir (FOGG, 2014, p. 196). A indústria têxtil se expande e se organiza tornando-se uma cadeia extremamente complexa. Vender tecidos implica em vender formas, aparências, equipamentos e máquinas de costura, além de técnicas de construção de roupas. A indústria têxtil se alia então aos criadores, aos magazines e à imprensa, alcançando o sertão do Brasil nas últimas décadas do século XIX.

Em 1910 a vanguarda no vestuário feminino parisiense são os vestidos quimonos de Poiret. No entanto, a moda difusa no mundo ocidental ainda é a silhueta em “S”. Localizada nos confins do sertão de Minas, distante das últimas estações da Estrada de Ferro Mogiana, Villa Platina recebia matérias-primas, máquinas de costura e informações de moda na velocidade dos meios de transporte que faziam sua conexão com Paris (FILHO, 1913) através de várias escalas. Mesmo dependendo de navios, do trem e do cavalo a burguesia local, através de diversos mecanismos, assimilaria a moda *Belle Époque*, impulsionada pelo processo de urbanização.

Para o historiador Fernand Braudel (1979, p. 282),

A história das roupas é menos anedótica do que aparenta. Ela nos coloca todos os problemas: das matérias primas, dos procedimentos de fabricação, dos custos, das imobilidades culturais, das modas, das hierarquias sociais.

Esse é o embasamento que dirige esse artigo. Ele objetiva estudar o contexto sociopolítico e econômico do fenômeno moda e urbanização na então Villa Platina, nome da cidade de Ituiutaba na primeira quinzena do século XX, período que coincide com o ápice da *Belle Époque*. O estudo se embasa numa pesquisa bibliográfica da historiografia da cidade assim como em várias fontes primárias: livros contábeis, registros de pagamento de impostos, atas da câmara, recenseamentos, Livro do Tombo, fotografias, etc.

De arraial disforme à regularidade de uma vila: ideais do padre-arquiteto

Nas últimas décadas do século XIX, a missa domingueira na capela de São José do Tijuco era o evento semanal que reunia moradores da zona rural e daquele que era então, um esboço do espaço urbano: o povoado, já denominado arraial, homônimo à capela. O vigário local, padre Ângelo Tardio Bruno, napolitano de nascimento, consciente do papel fundamental da Igreja Católica na formação de arraiais e vilas no Brasil, assim se expressa em sua pregação aos tijucanos:

Na formação deste país, primeiro sinal de posse e cultura, e, todo centro povoado, é a igreja, porque o povo brasileiro surgiu e cresceu com o sinal de posse – a Cruz. Um povoado tem a sua capelinha, uma vila terá a sua igrejazinha coberta de telhas, a cidade já ostentará a sua matriz ornada de torres, enquanto a capital eleva ao céu as agulhas altaneiras das catedrais. É que a fé cresce com o povo, com o seu progresso (CHAVES, 1998, p. 213-214).²

Sexto capelão de São José do Tijuco, o padre-arquiteto, como foi chamado por muitos (TEIXEIRA, 1953), talvez imbuído pelos ideais republicanos que revolucionaram, primeiramente, a Itália, seu país natal, e depois o Brasil, visualiza o futuro do arraial como espaço urbano. Essa visão é verbalizada na continuidade do sermão:

Bem humilde é, na verdade, o nosso arraial de São José, onde se planta este minúsculo templo, mas dia virá em que aqui se alinharão ruas edificadas de uma populosa cidade. Então, no lugar

² O livro *Caiapônia: Romance da terra e do homem do Brasil Central*, do qual foi retirado o sermão, é um romance histórico.

desta, levantar-se-á, altaneira, a matriz, à feição daqueles tempos gloriosos do futuro (CHAVES, 1998, p. 213-214).

O padre, no entanto, não se mostrou apenas um idealizador, mas um empreendedor de grandes obras. Como “homem de ação” (TEIXEIRA, 1953, p. 236) que era, propõe então aos fiéis:

Mas aquela realização, meus filhos, tem de ser empreendida por nós mesmos, no esforço conjunto e incessante de trabalharmos, não somente pela nossa melhoria espiritual, como, também, pelo progresso material da terra que habitamos. Ao deixar a minha pátria, eu o fiz de forma definitiva, fascinado por um grande ideal de fé e renúncia (CHAVES, 1998, p. 213).

Padre Ângelo Tardio Bruno não ordena, mas conclama os fiéis colocando-se também ele, como responsável pelo empreendimento da construção do espaço urbano e social da comunidade. Assim se coloca:

Aqui estou, pois, a partilhar convosco do trabalho construtivo da vossa organização social. Sou vosso de todo coração e, Deus sendo servido, para sempre (*sic*). Quero que, nos dias de glória desta terra hospitaleira, haja uma parcela de contribuição do vosso pobre-vigário e companheiro (CHAVES, 1998, p. 213).

A partir daí o idealizador dimensiona e planeja o trabalho de transformação do espaço urbano implicando arquitetura e urbanismo. Diz ele:

A empresa é grande, na verdade, pois o nosso povoado nem sequer adquiriu forma. Vamos começar pelo alinhamento das ruas, para que se construam as novas habitações. Vou também fundar uma cerâmica, produtora de material para construções mais duradouras. Esforçai-vos, pois, em colaborar comigo e melhorai as vossas habitações, de preferência aos gastos com esmolas para a igreja pois é mister, sobretudo, que cuideis da vossa saúde e do bem-estar das vossas famílias (CHAVES, 1998, p. 213-214).

O padre propõe então, ultrapassar não só os limites das atividades eclesiais, assumindo a criação da cerâmica, mas toma para si, na sequência do sermão, o compromisso da gestão das obras e de pessoal: “se vos faltam obreiros competentes, eu me prontifico a auxiliar ou dirigir as construções” (CHAVES, 1998, p. 214).

Segundo Lourenço (2010, p. 281) “a formação dos arraiais no Triângulo Mineiro resultou de iniciativa das oligarquias rurais a partir da formação de patrimônios religiosos, ou seja, da ereção da capela”. São José do Tijucu confirma essa afirmação uma vez que foi fundada com a construção de sua capela, de mesmo nome, em 1832 pelo

seu primeiro capelão, Antônio Dias de Gouveia. Décadas mais tarde, padre Ângelo Tardio Bruno usaria a estreita ligação Igreja-Estado estabelecendo uma atuação na qual assumiria para si diversos papéis junto à essa comunidade (CHAVES, 1998; TEIXEIRA, 1953; PAIVA, 1953; ITUIUTABA, 1904).

Aliado aos dirigentes políticos e à oligarquia rural local, o padre encampa a luta pela conquista da autonomia do município, destacando-o da cidade do Prata. Em 1901 o povoado passou de arraial a vila, deixando o nome de santo para assumir novas referências: a do Rio da Prata com a denominação de Villa Platina (FERREIRA, 1980 p. 15). De referência cristã à geográfica, a nomeação possivelmente foi influenciada, também esta, pelos ideais republicanos. Em 1915, de vila, passou à cidade com o nome de Ituyutaba. Esse processo de transformação física e sociocultural, envolveu 32, dos 35 anos de trabalho do padre Ângelo Tardio Bruno na comunidade.

Numa das primeiras ações após o sermão, o padre organizou o loteamento das áreas doadas à capela de São José para a construção da igreja, do cemitério e do povoado. “A doação primitiva foi efetuada por dois genearcas do lugar, Joaquim Antônio de Moraes e José da Silva Ramos” (CHAVES, 1998, p. 211) e, segundo a tradição oral, compreendia as dimensões de “uma légua e meia de sul a norte e meia légua de nascente a poente” (TEIXEIRA, 1953, p. 196). Esses, aproximadamente, 54 km² de extensão eram parte das glebas confrontantes dos doadores: fazenda São Lourenço e fazenda do Carmo, localizadas “no declive do espigão, entre os córregos Sujo” e Piratininga³ (CHAVES, 1998, p. 212), chamado “Chapadão de São Vicente” (TEIXEIRA, 1953, p. 183). Sendo as famílias numerosas, compostas por uma média de 7 membros (ITUIUTABA, 1904), essa área comportaria em torno de 300 indivíduos. Mas a esta, posteriormente, se seguiu outras doações, como a de José Lemos Pereira dos Santos (TEIXEIRA, 1953), o que ampliaria os limites primários.

Padre Ângelo Tardio Bruno esquadrejou o grosso fedegosal e o baixo cerrado que cobria a área, traçando as futuras ruas. Para o loteamento, o padre optou por um sistema retangular de abertura de quarteirões com divisão uniforme em “datas”, ou seja, em lotes de 25x50 m. Assim ele adotou um sistema de organização racional do espaço urbano. Segundo Munford (1998, p. 329), “os hábitos e os direitos de propriedade, uma vez estabelecidos na forma de lotes, fronteiras, direitos permanentes de passagem, são difíceis de apagar”. Padre Ângelo Tardio Bruno conseguiu apagá-los. A ocupação orgânica e disforme dos posseiros desapareceu na malha retilínea do plano regular, geométrico, preciso, proposto pelo padre. A empreitada sugere um grande esforço empreendido em negociações para apagar caminhos e enquadrar benfeitorias, ainda que precárias, na nova malha urbana, pois isso dependia da legalização das posses dos terrenos urbanos. O requerimento de aforamento de uma área de 03 “datas”, situada na “Rua do Comércio”, é um documento que sugere essa tese. O texto original desse

³ Para Chaves (1998, p. 212) Pirapetinga e para Teixeira (1953, p. 183) Piratininga.

documento, emitido em 23 de novembro de 1905, diz: “terreno apossado e beneficiado a muitos anos por diversos e pertencente ao Sr. Arlindo Teixeira” (ITUIUTABA,1902-1915, C. n° 616)⁴. O requerente era latifundiário e comerciante. Sócio proprietário da firma Arlindo & Villela, empresa localizada na própria vila, Arlindo Teixeira “comprou os direitos e benfeitorias do Sr. Antonio (*sic*) Raymundo Gonçalves”. A esse tempo, a mobilidade local era ainda determinada pelo uso do cavalo e, sendo assim, os abastados habitantes da vila precisavam de áreas de pastagem para a animalia. Arlindo Teixeira teria a sua, adquirida do mesmo vendedor, que vendeu ao seu cliente uma área de “80 litros para pasto, esta, situada na margem esquerda do Córrego Sujo e confinante com a estrada do Nau de Cima e Pedro Paulo de Siqueira” (ITUIUTABA, 1902-1915, C. n° 617). O terreno não aforado foi apossado pelo vendedor que o vendeu ao foreiro em 1900, sendo legalizada na mesma data que o requerimento anterior.

A carta de n° 649 do mesmo livro (ITUIUTABA,1902-1915), testemunha o requerimento de aforamento feito em 12 de dezembro de 1905, por Antônio da Costa Junqueira. Trata-se de uma área de 03 “datas”, situada na esquina da Rua da Matriz com a Rua Pe. Ângelo. A “área deste aforamento foi apossada (*sic*) por José Dias Ferreira da Costa que recebeo (*sic*) do fabrico titulo (*sic*) de mão e este transferio (*sic*) todos os direitos ao atual foreiro vendendo ao mesmo uma pequena caza (*sic*) que é a unica benfeitoria do referido terreno” (ITUIUTABA,1902-1915, C. n° 649).

Apesar das cartas de aforamento serem emitidas em períodos anteriores, como no caso de um terreno aforado em 1898 também a José Dias Ferreira (ITUIUTABA,1902-1915, C. n° 590), é no período de 1902 a 1915 que podemos visualizar um intenso movimento de regularização das ocupações. Essas posses eram, muitas vezes, vendidas por contratos verbais ou à “título de mão” a diversos posseiros até que se fizesse a regularização das mesmas, o que implicava também, na definição dos valores dos foros anuais a serem pagos por um período de 25 anos antes da emissão da escritura final (ITUIUTABA, 1902-1915). Situação complexa, a ocupação da área foi feita de forma orgânica e desordenada.

Quando o padre ali chegou, em 1882, para conhecer o arraial, “existia o largo, coberto de um cerrado baixo, cortado de trilhos e atravessadouros. Começava em frente à Matriz e ia até a atual Avenida Onze” (PAIVA, 1953, p. 68). Rua, existia uma só, a Rua do Cotovelo, depois nomeada Rua18. Ela era povoada “de casas cobertas de capim e de telha comum, em número aproximado de setenta, na proporção de três casas de capim para uma de telha” (PAIVA, 1953, p. 68).

Estes documentos atestam que para a ordenação do espaço, almejada pelo padre, não bastava esquadrear os lotes, o que regularizaria o traçado, mas implicava uma ação sociopolítica muito delicada que envolvia tanto a oligarquia rural quanto

⁴ Abreviatura: (ITUIUTABA,1902-1915, C. n° 616), autor, ano, carta de aforamento n°.

pequenos proprietários na regularização das posses. Sobre a concepção da planta em tabuleiro adotada pelo padre e os custos dessa operação, Paiva (1953, p. 70) diz que:

Gastando dinheiro de seu bolso, exclusivamente às suas expensas, Padre Ângelo encarregou a João Gomes Pinheiro de traçar as ruas da então Vila Platina. Não houve planta, é preciso que se esclareça; mas, simplesmente marcos nas ruas e nas avenidas, cujos traçados perduram até hoje.

O padre e seu ajudante, traçaram ruas retas e longas, preparando-as para “uma populosa cidade” (PAIVA, 1953). Esses adjetivos a definir as ruas seriam cantados em versos e prosa. Sá de Noel os incorporou ao hino da cidade:

Eu vim chegando à pequena cidade.

A pequena cidade do sertão.

A cidade de ruas rêtas (*sic*) e compridas,

Ruas compridas e sem árvores.

A cidade das avenidas encascalhadas. (CHAVES, 1984, p. 26).

Nativos e emigrantes na expansão urbana

As ruas retas e compridas e os lotes que definiam os quarteirões seriam preenchidos por construções “mais duradouras” como foi sugerido pelo padre. A substituir os casebres de pau-a-pique cobertos de palha, o padre iniciou “para particulares, por impreitada (*sic*), diversas construções de casas residenciais, em estilo singelo, mas agradável e progressista para a época” (PAIVA, 1953, p. 70). Na falta de “obreiros competentes” no arraial, como assinalou no sermão anteriormente citado, o padre “mandou buscar obreiros de fora” e

Sob sua proteção, vieram os rosatos, os rinaldis, e tantíssimos outros. Escrevia a conhecidos e amigos e pedia-lhes mandassem para cá colonos, principalmente destinados à agricultura. Se vinham, era padre Ângelo que pagava tudo, de seu bolso, até que encontrassem emprego (PAIVA, 1953, p. 71).

Petraglia (1953) afirma que no crepúsculo do séc. XIX o arraial já contava com a presença de uma colônia italiana que ali assistiria a aurora do séc. XX. “Com nome e profissões definidas, adaptaram-se perfeitamente todos os italianos à vida agreste dos habitantes desta inculca região” (PETRAGLIA, 1953, p. 101). A histórica “fotografia da

saída da missa” (Fig. 01) do final do séc. XIX é um documento a atestar a integração dos estrangeiros à comunidade local⁵.



Figura 01. A “saída da missa do dia”, no final do século XIX. Fonte: CEPDOMP.

No processo de inserção dos imigrantes no Brasil, “soube o italiano evitar resistências diluindo-se ou adaptando-se aos ambientes brasileiros com grande rapidez, o que não aconteceu com as demais nacionalidades” (MONTEIRO, 1973, p. 143). A política de imigração promovida pelo governo brasileiro, dava preferência aos imigrantes de origem italiana, à causa da proximidade da língua, de origem latina como o português, e à religião oficial do Império, a Católica, quando do início da política de imigração. Com certeza esses critérios renderam bons frutos à comunidade tijuicana, pois a foto histórica confirma o papel da Igreja, na pessoa do padre Ângelo Tardio Bruno, como catalizador das relações entre nativos e imigrantes italianos.

Monteiro (1973, p. 21) afirma que no final do século XIX, o Brasil “será um dos países beneficiados com as levas de imigrantes, principalmente da corrente italiana”, sendo esta, “a que mais se impôs em Minas” (*Ibidem*, p. 76). Villa Platina se enquadrou nesta perspectiva, uma vez que o recenseamento de 1904 registra a presença de 40 imigrantes (ITUIUTABA, 1904), dos quais 20 são italianos e os demais de diversas

⁵ A foto da saída da missa, registra, passando ao lado do Cruzeiro, Vicente Stochi e Assunta Stochi; João Gonçalves Dutra; Arlindo Teixeira e Tito Teixeira; de Costinha, de Augusto Carvalheiro, Armando Frattari, do pintor Heitor Frattari, Vitorio Falqueiro, de Henrique Português e outros (CHAVES, 1984, p. 345).

nacionalidades. Folheando outros documentos, como as Cartas de Aforamento (ITUIUTABA, 1902-1915), e os livros de história do lugar, chegamos a um total de aproximadamente 55 italianos⁶ presentes em Villa Platina no início do século XX. Embora mais tarde, a colônia sírio-libanesa tenha se expandido e assumido uma importância significativa no desenvolvimento de Ituiutaba, no início do século XX a nacionalidade italiana era, sem dúvida, a mais expressiva do lugar e confirmaria a tese de Monteiro (1973).

Ainda que padre Ângelo Tardio Bruno solicitasse colonos destinados ao trabalho com a agricultura (PAIVA, 1953), os imigrantes italianos exerceram, em maioria, profissões urbanas, sendo muitas delas ligadas à edificação, como sugeriu o padre no sermão (CHAVES, 1998). Na documentação em estudo, levantamos um número significativo destes profissionais: 1 engenheiro civil, 9 pedreiros, 8 oleiros, 1 pintor, 2 marceneiros e 2 ferreiros. Com esses profissionais, vieram também 2 costureiras italianas, 1 costureira descendente de italiano e 1 alfaiate italiano (ITUIUTABA, 1904). Estes se somariam a um quantitativo final de 24 profissionais do vestuário na vila e no município que incrementariam a manufatura de roupas.

Villa Platina, era um povoado em expansão. Para lá acorriam imigrantes externos e de várias partes do país, sobretudo de Minas, Goiás e São Paulo, como atesta o recenseamento de 1904 (ITUIUTABA, 1904). Nos 4 livros sobreviventes do documento, de uma população de 9.446⁷ pessoas, pudemos identificar 48% de nativos e 52% de forasteiros. Do total, 32% eram maiores de idade e 68% eram menores. Enquanto os imigrantes internos se encontravam espalhados, sobretudo pela região rural, os estrangeiros estavam concentrados na vila. Segundo Monteiro (1973, p. 165), se relacionado a outras regiões, como São Paulo e sul do país, em Minas a contribuição do imigrante para o crescimento demográfico e para as atividades econômicas, se fez em grau bem menor. A autora afirma (MONTEIRO, 1973, p. 165), que além disto, essa “colaboração teve algum significado no meio rural, seja como assalariado, seja como colono”. No caso de Villa Platina, essa contribuição foi dada sobretudo no meio urbano e o papel do padre como mediador desse processo foi definitivo para os novos rumos socioculturais do arraial.

⁶ Além destes, Petraglia (1953, p. 105) nos relata a presença de uma colônia de 30 ou 40 lavradores italianos trazida da Itália por Andre Mortatti e sediada na fazenda Bebedouro de Cazequinha de Souza, envolvidos no projeto de cultivo de café.

⁷ O recenseador registrou uma população de 13.237 pessoas (ITUIUTABA, 1884-1912). Consultamos apenas quatro dos livros do conjunto da obra, o que limita a compreensão precisa da população, mas nos oferece uma representação dessa sociedade, nos limites que um recenseamento pode nos proporcionar (ITUIUTABA, 1904).

Igreja, ruas, jardim, cinematógrafo e comércio

A igreja, epicentro da vida social do arraial, com a chegada do padre Ângelo Tardio Bruno ao lugarejo, deixou de reunir os fiéis somente na missa domingueira. Os cultos floresceram, e o número de festas religiosas aumentaram, elas se “tornaram tradicionais” na vida do lugar (CÔRTEZ, 1971, p. 48) e “marcaram época na redondeza” (TEIXEIRA, 1953, p. 237). Com a instauração da República em 1889, as festas cívicas entraram no calendário do arraial mobilizando a população (ITUIUTABA, 25.12.1901 a 17.06.1910).

Nos frenéticos anos de definição da malha urbana, a juventude local, mais aberta ao convívio social que a geração precedente, reclama espaços de sociabilidade para além da religiosidade e das festas cívicas. Assim Tito Teixeira, organiza voluntários e propõe a construção de um jardim público em Villa Platina. Seguindo o partido racional e geométrico do traçado urbano, o jovem idealizador “com a aprovação da edilidade, e auxiliado pela população, projetou, demarcou, delimitou canteiros, ajardinou-os, plantou árvores, cercou uma grande área de terreno” (CHAVES, 1984, p. 308) no largo da Matriz. Nas alamedas desse jardim

Passeavam moças e rapazes, no pra-lá-pra-cá em grupos separados, circulando em sentido inverso, namorados trocando, de longe, olhares apaixonados, nos fortuitos e rápidos encontros. Era o namoro à distância, a corte romântica, as garotas bem penteadas, vestidas com capricho para as tardes domingueiras e os rapazes com o melhor terno, como os almofadinhas da época (CHAVES, 1984, p. 308).

Como era tradição nas igrejas e para alegrar a vida bucólica do sertão, o padre Ângelo Tardio Bruno, fundou a primeira banda de música da povoação em 1886. Até 1910 duas bandas se consolidariam. O coreto central da praça sediaria as bandas em inúmeras comemorações cívicas onde, numa demonstração dos estreitos laços entre igreja e Estado, exibiam o Hino Nacional, assim como o hino católico, Te Deum (ITUIUTABA, 25.12.1901-17.06.1910). Mas além das festas, nas tardes domingueiras, “ali as bandas executavam dobrados, o Hino de Ituiutaba, sambas e maxixes” (CHAVES, 1984, p. 311). Para promover a vida cultural local foi construído um “theatro, onde se instalou um cinematographo, com munitor elétrico” (LAEMMERTS, 1911, p. 3168). Nesse local, além de verem e de serem vistos, os jovens platinenses acompanhariam o desenvolvimento da sétima arte.

A promoção da vida social pela Igreja, a implementação de melhorias urbanas pela administração pública, a criação do cinematógrafo pela iniciativa privada, são algumas das medidas que fomentam a vida social e com elas, as aparências. Esse conjunto favoreceria o comércio de tecidos, de fitas, de rendas, de acessórios e de manufatura de roupas na vila (FILHO, 1913). Segundo anúncio comercial do município, em 1909 (LAEMMERTS, 1909, p. I-103-I-105), o comércio florescia, graças à sua

posição geográfica, nos confins de Minas, pois fazia “interposto (*sic*) comercial entre o Triângulo Mineiro e o E. de Goyaz”. Confirma a afirmação a lista de casas comerciais na vila: seriam nove “fazendas, ferragens, armarinhos, vendendo 60 contos para cima”; oito casas comerciais em “molhados e gêneros do país” e um café e restaurante. No entanto, o consumo local corroborava com essa expansão, uma vez que os promissores empórios que vendiam “fazendas, ferragens, armarinhos” alimentavam as aparências platinenses ao mesmo tempo em que eram alimentados por elas.

A moda na vila sertaneja

Na aurora do século XX, fotografar era um evento raro na vida sertaneja. A fotografia de inauguração do Grupo Escolar Villa Platina, do dia 21 de janeiro de 1910 (Fig. 02) é outro documento histórico de grande importância para a sociedade platinense, uma vez que é um raro registro fotográfico em que aparece o coletivo desse período. Nesse documento podemos visualizar a hierarquia dessa sociedade e sua aparência visual em uma ocasião festiva, fora da rotina. A fotografia registra a participação da comunidade unida em torno do arquiteto-urbanista: o padre Ângelo Tardio Bruno, sentado ao centro, no fundo. Em primeiro plano estão presentes personalidades de relevo na comunidade, circundadas por cidadãos anônimos.



Figura 02. Inauguração do Grupo Escolar Villa Platina, em 1910.

Fonte: Coleção Família Rodolfo Oliveira Leite, Fundação da Casa de Cultura de Ituiutaba.

Excluindo o homem ao fundo, que não usa gravata, todos os outros presentes na fotografia se vestem com roupas que sugerem a importância da ocasião. O vestuário

masculino compreende chapéu, gravata e terno, incluindo colete e bengala para alguns. Uma descrição do vestuário masculino, presente na fotografia, pode parecer uma resenha de um jornal de moda da época: “a roupa é de linha essencial com ombros marcados por ombreiras, calças “tubo”, camisas brancas com colarinhos engomados e cabelos curtos e escovados” as barbas bem cuidadas (MARANGONI, 1997, p. 24). Sobre a vestimenta daquele evento Chaves (1984, p. 391) escreveu: “a elite *platinense*, de terno preto ou escuro, de colarinho da ponta virada, de *black-tie*...” A presença da Banda de Música Lira Congressista, em segundo plano, à esquerda, com seus “componentes de uniforme em branco impecável, também é indicativa de excepcionalidade” (RIBEIRO, 2009, p. 60) do evento.

O todo elegante e aristocrático, exprime no rigor da “linha” e no cuidado dos detalhes, os elementos distintivos da classe social à qual pertenciam: aquela dos dirigentes rurais, a oligarquia, que podia se permitir endossar trajes tão elaborados, imponentes, em uma postura física rígida e incompatível com o fatigante trabalho agropastoril, base da economia local. Além da elegância, comparecer em uma festa pública numa sexta-feira, é também este, um sinal distintivo de classe.

Professores e estudantes personalizam a solenidade, deste modo se encontram ao centro da fotografia, à esquerda do padre. À frente, o diretor da escola, Benedito Chagas Leite e as professoras: “Alzira Alves Villela, Minervina Candida de Oliveira e Ana da Silva, Sianinha” (CHAVES, 1984, p. 392). Em meio aos adultos, à direita do padre, são presentes meninos com terninhos fechados na frente, alguns usam gravatas. É visível um grupo de meninas à esquerda do padre. A maioria delas com cabelos longos e soltos ou parcialmente amarrados com fitas, usando vestidos brancos. No fundo, aparecem moças, mulheres e homens adultos e anônimos.

Chaves (1984, p. 392) escreve sobre as aparências das participantes:

As moças e senhoras presentes, muito elegantes, de penteado em moda na época, cabelos levantados e arrematados em coque. Usavam vestidos longos, de cassa branca, gorgorão e cambraia, de cintura fina, rodados e arrematados com rendas e bordados, de golas altas e rentes ao pescoço, mangas compridas.

Cor branca impecável, mangas longas, sobreposições de roupas em duas ou três peças, saias até os pés, gola até o queixo, diversidade de materiais, são características principais da moda francesa dos vestidos *langerie* da *Belle Époque*, assim como o *black-tie* seria uma característica na moda inglesa masculina. Usar este tipo vestimenta, expostos ao barro ou à poeira vermelha, sob o sol escaldante dos dias de verão dos trópicos, são sacrifícios que se faz almejando a boa aparência visual e a construção social do eu.

A silhueta em “S”, alongada e muito feminina,

Se definia pelo peito projetado para a frente de modo artificial com uma cintura muito estreita. Se impõe o uso de *corset* estruturado com barbatanas de baleia. A longa saia em forma de sino com uma leve calda, prolonga o perfil do corpo em espiral (MARANGONI, 1997, p. 65).

Esse estilo apresenta uma variação considerável de mangas compridas, golas altas até o queixo, enquanto a cintura é estreita e a saia é, geralmente, em evasê. Nele o uso de cores claras e pastéis era predominante, assim como as rendas, fitas e bordados na ornamentação da roupa.

Na análise da fotografia e do comentário de Chaves (1984, p. 392), podemos ver na vestimenta feminina, de parte das mulheres platinenses, as características gerais do estilo *Belle Époque* e da silhueta em “S”, “moda da época”, importada dos centros criativos, sobretudo de Paris, e presente em revistas nacionais ou estrangeiras, que circulavam no país e na região. Uma vez que Villa Platina se caracterizava por ser uma sociedade na qual o limite entre o rural e o urbano era tênue e isso se expressava em diversos modos de vestir, estar de acordo com os ditames da moda francesa significava pertencer à elite cultural ou econômica do lugar.

Conclusão

Numa análise do contexto socioeconômico e cultural da sociedade platinense, é claro que o aceleração da difusão e da absorção das modas francesas, referência para o mercado ocidental, está intimamente relacionado ao processo de urbanização de Villa Platina.

Sua independência do município do Prata em 1901, foi impulsionada pelo crescimento econômico oriundo das linhas férreas no Triângulo Mineiro que estreitou as relações comerciais entre o interior e o litoral do país, pela expansão demográfica e da fronteira agrícola, fatores que foram determinantes na criação dos municípios desse período, também denominado República Velha (OLIVEIRA, 2013).

O engajamento da oligarquia rural na luta pela independência do município foi motivado pelo anseio das possibilidades de expansão das atividades econômicas sinalizadas pela “inserção da região na economia nacional” (OLIVEIRA, 2013, p. 122). A motivação do padre-arquiteto na organização do espaço urbano estava associada à ideia de que “a cidade, ao encerrar e entrelaçar as almas, e ao estabelecer os contratos humanos imediatos, criou a civilização, e tornou possível a cultura” (PAIVA, 1953, p. 70). Para o padre-arquiteto a cidade representava “a mais alta maneira de situar-se o grupo humano, para labor da colmeia, de cooperação e de formação interna: econômica, jurídica, religiosa, educativa total” (PAIVA, 1953, p. 70).

Esse desejo de civilização e modernidade era propagado pela República e pela imprensa nacional promovendo ações como a reforma urbana do Rio de Janeiro no início

do século XX. “A missão de modernizar o Rio de Janeiro incluía a construção de uma imagem mais moderna para a capital e, por extensão, também para o país” (FEIJÃO, 2011, p. 161). Villa Platina absorveu os propósitos republicanos reorganizando e expandindo seu espaço urbano e por consequência acelerando o interesse pelo modo de vestir, o ritmo de mudanças a ele impostas e ampliando o comércio e o consumo das modas francesas na vila. Essas modas sofriam adaptações ao contexto sertanejo: de um lado as estilísticas e de outro as de manufatura (técnicas) e muito timidamente aquelas funcionais.

Assim verifica-se que a urbanização foi responsável por atrair as pessoas para espaços de convívio cotidiano, o que estimulou novas formas de relações sociais e desenvolveu, a educação formal, o comércio e a manufatura de roupas com uma grande contribuição dos imigrantes italianos que introduziram novas técnicas de construção de roupas no sistema de vestuário platinoense.

Referências bibliográficas

- BRAUDEL, F. *Civiltà materiale, economia e capitalismo: le strutture del quotidiano (secoli XV-XVIII)*. Torino: Einaudi, 1979.
- CHAVES, C. *Caiapônia: Romance da terra e do homem do Brasil Central*. Ituiutaba: Egil Editora Gráfica Ituiutaba, 1998.
- CHAVES, P. R. *A Loja do Osório*. Ituiutaba: Edição do autor, 1984.
- CÔRTEZ, C. D. C. *Ituiutaba conta sua história*. Uberlândia: Ubergral, 1971.
- COSTA, C. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.
- FERREIRA, A. A. *Caminhadas para o amanhã*. Ituiutaba: Ed. Vitória, 1980.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Aurélio*. [S.l.]: Editora Positivo, 2004. 1 CD-ROM.
- FOGG, M. (Org.). *Moda: la storia completa*. Monteveglio: Atlante, 2014.
- GOMBRICH, E. H.. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- LIPOVETSKY, G. *O império de efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LOURENÇO, L. A. B. *A oeste das Minas: escravos e homens livres numa sociedade escravocrata oitocentista Triângulo Mineiro (1750-1861)*. Uberlândia, EDUFU, 2005.
- MARANGONI, G. *Evoluzione storica e stilistica della moda: il novecento: dal Liberty alla computer art*. Milano: Edizione S. M. C. s.as., 1997, vol. III.
- MIGUEL, A. A. N. *A chácara: a saga de uma família*. Araguari: Minas Editora, 2012.

- MILANEZ, J. F. *História do Sistema métrico decimal*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1942.
- MONTEIRO, N. Goés. *Imigração e colonização em Minas 1889-1930*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1973.
- MUNFORD, L. *A cidade na história*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- OLIVEIRA, H, C, M, de. *Urbanização e cidades: análise da microrregião de Ituiutaba (MG)*. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: 2013.
- PAFFUMI, A; MAUGERI, V. *Storia della moda e del costume*. Milano: Calderini, 2005.
- PAIVA, H. B. de. *Cônego Ângelo Tardio Bruno*. In; Revista Acaiaca, 1953.
- PETRAGLIA, J. *A colônia italiana em Ituiutaba*. In; Revista Acaiaca, 1953.
- RIBEIRO, B. O. L. O Grupo Escolar de Villa Paltina e a educação: variações intrínsecas sobre um predio determinado. In: RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza; SOUZA Sauloéber Tarsio de (Orgs.). *Do público ao privado, do confessional ao laico: a história das instituições escolares em Ituiutaba do século XX*. Uberlândia: Edufu, 2009.
- ROCHE, D. *Il linguaggio della moda*. Torino: Einaudi Editore, 1989.
- SILVA, H, J, S, e. *Representação e vestígio da (des)vinculação do Triângulo Mineiro: um estudo da imigração italiana em Uberaba, Sacramento e Conquista (1890-1920)*. Tese de Doutorado (História e Cultura) – Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”. Franca: Unesp/FHDSS, 1998.
- SIMMEL, G. *La moda*. Milano: Mimesis Edizione, 2015. (Minima Sociedade).
- SOUZA, G. M. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SVENDSEN, L. *Moda: uma filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- TEIXEIRA, E. *A evolução histórica de Ituiutaba (1810-1902)*. In; Revista Acaiaca, 1953.
- VALLARDI, A. *Storia contemporanea*. Antonio Vallardi Editore, 2012.
- ZANICHELLI. *Atlante storico*. Bologna: Zanichelli, 2013.

Documentos oficiais

- FILHO, Villela Martins, *Livro Contábil da empresa Villela Martins & Cia – 1913, Vol. 1 e Vol. 2*. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Pontal (CEPDOMP) da

Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). CD-ROM.

ITUIUTABA. *Atas de reuniões ordinárias e extraordinárias de 25.12.1901 a 17.06.1910*. Fundação Casa de Cultura de Ituiutaba. CD-ROM. Fonte: Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Pontal (CEPDOMP) da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

ITUIUTABA. *Livro de Carta de Aforamento*. Ituiutaba: 1902-1915. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Pontal (CEPDOMP) da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). CD-ROM.

ITUIUTABA. *Livros do Recenseamento Municipal de Villa Platina, no ano de 1904*. Vol. I, III, VI e S. O. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Pontal (CEPDOMP) da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). CD-ROM.

ITUIUTABA. *Tombo da Matriz de São José*. Livro N° 1. Ituiutaba: Matriz de São José, 1884-1912.

Documentos online

LOMBAERTS. *A Estação*. Rio de Janeiro: 15 novembro de 1900, correspondência n° 66127.

LAEMMERTS. *Almanak Laemmerts: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro: Estado de Minas Geraes*. Rio de Janeiro: Manoel José da Silva & C., 1909. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&PagFis=47110&Pesq=villa%20platina>>. Acesso em: 28 de jul. 2015.

LAEMMERTS. *Almanak Laemmerts: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro: Estado de Minas Geraes*. Rio de Janeiro: Manoel José da Silva & C., 1911. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=313394&PagFis=47110&Pesq=villa%20platina>>. Acesso em: 28 de jul. 2015.

LAEMMERTS. *Almanak Laemmerts: Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro: Estado de Minas Geraes*. Rio de Janeiro: Manoel José da Silva & C., 1915. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=313394&pasta=ano%20191&pesq=Villa%20Platina>. Acesso em: 07 de fev. 2018.

OLIVEIRA, J. Marques de; MARTINS, A. de Assis. *Almanak Administrativo, Civil e Industrial da Provincia de Minas Geraes*. Organizado e Redigido por A. de Assis Martins e J. Marques de Oliveira. 1873. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=393428&PagFis=1743&Pesq=Tj>
uco. Acesso em: 10 dez. 2015.

Arquivos consultados

Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Pontal (CEPDOMP) da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Diocese de Ituiutaba.

Fundação Cultural de Ituiutaba.

Maristela Abadia Fernandes Novaes

Cursa doutorado em “Studi Storici” no programa de pós-graduação do Dipartimento di “Storia Culture Civiltà” da “Università di Bologna-UniBO”, Itália com a tese “Storia della costruzione di un oggetto della moda fra Otto e Novecento. Uno spencer Liberty ai confini di Minas Gerais: aspetti culturali e materiali”. É mestre em Cultura Visual (FAV/UFG). É professora Adjunto I no Curso de Design de Moda da Universidade Federal de Goiás. Avenida Esperança s/n, Campus Samambaia – Goiânia GO Brasil CEP.: 74.690-900.
E-mail: telanovaes@gmail.com

Recebido para publicação em fevereiro de 2017
Aprovado para publicação em março de 2018